

NARRATIVAS CONVERSACIONAIS: ENTRE O ACTO COMUNICATIVO E O MODO DE ENUNCIÇÃO

ARMINDO DE MORAIS
(Universidade Aberta)

ABSTRACT: Conversational Narratives pose a challenge to genre theories whose concept of genre is too narrowly based on an interest in classifying ideals of pre-patterned discourse. It is our aim to present and discuss different approaches to oral genres and to highlight the importance of looking at conversational narratives as complex speech events directly related to the topic structure of any oral interaction. We argue that the different conventions of discourse through which speakers tell narratives and listeners understand them can be called genres. These genres provide a “horizon of expectation” to a knowledgeable audience that cannot be derived from the semantic content of a discourse alone.

KEYWORDS: pragmatics; oral genres; conversational narratives; conversational topic.

1. Ponto de partida

Ao procurar fazer o ponto da situação sobre os estudos em Géneros da Oralidade, Kerbrat-Orecchioni (2003) defende a existência de dois tipos de categorizações com dois enfoques distintos (ver quadro 1):

Uma primeira abordagem, de orientação etnometodológica, caracteriza os Géneros a partir de um rol de interacções ou eventos comunicativos socioculturalmente atestados numa dada comunidade discursiva. Sob esta perspectiva, as trocas interaccionais etiquetadas por essa comunidade como Conversação ou Inquérito – que aqui nos interessam porque foi neste tipo de trocas que recolhemos o texto em análise – correspondem a géneros da oralidade específicos, institucionalizados e definidos por critérios sobretudo extralinguísticos, interferindo, embora, no funcionamento textual da referida interacção. Nestes géneros interaccionais definidos, sobretudo, pela situação de enunciação em que se realizam, seria possível detectar a recorrência de um conjunto de actividades comunicativas funcionalmente caracterizáveis, do qual, aparentemente, a Narrativa Conversacional faria parte.

Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, pp. 247-266

Há, no entanto, uma outra forma de identificar “famílias” de textos produzidos na oralidade, recorrendo às formas enunciativas a que a sua construção obedece. Neste caso os modos de enunciação da tradição retórica (narrar, descrever, argumentar, explicar) seriam o motor da categorização genérica. Com um enfoque claramente tipológico, os Géneros da Oralidade passam a ser definidos pela sua aproximação a organizações discursivas prototípicas já identificadas para a escrita, ao qual se viriam juntar, segundo Traverso (2003) outros tipos de actividades discursivas como a Queixa, a Confidência, aparentemente definidas de uma forma funcional. Também aqui as Narrativas Conversacionais, enquanto textos construídos em torno de uma sequenciação de eventos co-relacionados entre si, passariam a constituir um Género da Oralidade.

Eventos Comunicativos atestados numa determinada comunidade discursiva	Organizações Discursivas Prototípicas vinculadas a um modelo de enunciação
↓	↓
<ul style="list-style-type: none"> • Orientação etnometodológica • Critérios extralinguísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação textual • Critérios formais

Quadro 1: Formas de categorização dos textos orais

Para o presente trabalho, o interessante nesta contraposição entre géneros vinculados ao evento comunicativo e aqueles definidos a partir de um modo de enunciação é reflectirem-se nela os problemas encontrados no próprio processo de definição do nosso objecto de estudo – Enunciados Narrativos Produzidos em Situação de Interação Oral (daqui para a frente referidos como EN) – e subsequente estabelecimento de um *corpus* de trabalho¹.

2. Objectivos e hipóteses de trabalho

Uma das questões que nos colocámos no decorrer da investigação que temos vindo a desenvolver em torno dos ENs foi em que medida é possível e

¹ O presente trabalho surge como parte de uma investigação mais abrangente sobre Narrativas Conversacionais que temos vindo a desenvolver para a nossa dissertação de doutoramento. Assim recolhemos, digitalizámos e transcrevemos, total ou parcialmente, um *corpus* de 55 interações informais e semi-formais do projecto Português Fundamental do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa gravadas nos distritos de Lisboa e Porto. Em termos de dimensão, o *corpus* de trabalho corresponde a 5 horas 1 minuto e 26 segundos de gravações com um total de 53620 palavras. No mesmo *corpus* foram identificados e analisados 123 EN.

pertinente conciliar os dois enfoques acima mencionados para a definição e análise de um hipotético Género Narrativo Conversacional.

No presente trabalho, é nossa intenção tentar demonstrar que, no quadro de uma análise conversacional textualmente orientada, é necessário trabalhar simultaneamente com dois pontos de perspectiva: um que focaliza as Sequências Narrativas (Adam, 1991) introduzidas pelos interlocutores no seio da conversação e as analisa enquanto unidades textuais formal e conceptualmente autónomas, mas funcional e configuracionalmente dependentes do contexto; outro que mantém presente o funcionamento da conversação enquanto um texto dialógico, de autoria plural e assente na reciprocidade de direitos e deveres dos interlocutores, com uma forte componente relacional (Watzlawick *et al.*, 2000) e uma estruturação relativamente solta, projectável numa sequência de Tópicos e Subtópicos Conversacionais de maior ou menor proeminência.

Temos, assim, duas formas aparentemente autónomas de olhar para os EN's:

EN enquanto Segmento Tópico	EN enquanto Sequência Textual
<ul style="list-style-type: none"> • Contribuição enunciativa coerente para a conversação 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade formal e conceptualmente autónoma
<ul style="list-style-type: none"> • Vinculação a um tópico discursivo proeminente 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade funcional e configuracionalmente dependente do contexto

Quadro 2: Segmento Tópico *versus* Sequência Textual

Considerando um quadro de participação cooperativa na conversação, é fácil observar que o alocutário, ao tomar a vez, se refere, quase sempre, ao dito anteriormente pelo outro, revelando a preocupação de manter a conversa em torno de um ou mais tópicos correlacionados que constituem o foco da interacção verbal. Deste movimento resultam unidades textuais superiores ao turno, centradas, normalmente, num tópico proeminente para o qual convergem as contribuições enunciativas dos interlocutores. Essas unidades, a que chamaremos Segmentos Tópicos, caracterizam-se por relações de interdependência semântica e formal entre os seus enunciados e pela proeminência textual do conjunto que constituem, passível de ser delimitado na superfície do texto falado (Jubran, 2006).

Como se procurará demonstrar com a análise de parte de uma interacção informal do *corpus* recolhido, o estudo de qualquer Sequência Textual Narrativa produzida em situação de interacção oral tem que ser realizada a partir da sua posição enquanto parte ou totalidade de um Segmento Tópico e na sua relação com os restantes Segmentos Tópicos bem como com o Quadro Tópico que os reúne. Para o poder realizar, cremos ser necessário acompanhar o fio condutor de Tópicos Conversacionais activados e partilhados pelos interlocutores ao longo da conversação até ao momento da introdução do EN, concentrando a análise nas estratégias que dão corpo à constituição

de unidades semântica e formalmente destacáveis no fluxo conversacional (aqui denominadas Segmentos Tópicos). Precipitar a análise para as ‘imedialções’ do EN, corresponderia, em última instância, à assunção de que a sua leitura se poderia saturar na descrição do funcionamento da unidade textual que constitui.

Assim, no desenvolvimento deste artigo, proceder-se-á a uma análise exaustiva dos Segmentos Tópicos que conduzem ao primeiro EN da interação para, desta forma, tentar alcançar dois objectivos: situar a sequência narrativa, enquanto unidade formal, no texto dialógico superior em que participa, evidenciando a sua posição na hierarquia dos Segmentos Tópicos que o constituem; revelar em que medida o seu sentido e relevância decorrem da função que ali assumem.

2. A Análise

2.1. Caracterização Sociolinguística da Interação

A interação escolhida tem o código A390 e foi transcrita a partir das gravações do Corpus do Português Fundamental recolhido na década de 70 pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, tendo sido indexada como pertencendo a um domínio privado e informal.

Nela surgem duas interlocutoras com estatutos socioeconómicos diferentes: BEA, de 44 anos, tem um nível de instrução básico (inferior à 4.^a classe) e pertence a um grupo profissional sem qualificações (empregada doméstica); ISA, vinte anos mais nova, tem um nível de instrução superior. BEA e ISA conhecem-se e parecem manter uma relação de proximidade, ainda que com uma componente hierárquica evidente nas formas de tratamento: enquanto BEA se dirige à interlocutora na terceira pessoa, ISA usa a segunda pessoa e mesmo formas de vocativo que revelam proximidade como no exemplo seguinte: *então e mulher /...*

Quanto à Situação de Enunciação, BEA e ISA conversam despreocupadamente, enquanto a primeira está a passar a ferro na casa onde trabalha. Parece haver uma relação de longo tempo entre as duas e é observável a existência de conhecimento partilhado. A conversa denota intimidade entre as interlocutoras, o que conduz aos desabafos de BEA.

2.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação

Durante a conversa são introduzidos três ENs por BEA, todos eles relacionados com o Tópico Conversacional vigente no momento, sendo que dois deles ilustram uma tese sobre o Tópico expressa antes. Assim, EN1 e EN3 surgem com uma função argumentativa, justificando uma avaliação anterior – *(a sogra) nunca está contente* – no caso de EN1, e provando o erro de uma avaliação de terceiros – *ela só gosta dos meninos da casa* – no caso de EN3. EN2 tem uma função de catarse em relação à pressão sentida nos acontecimentos narrados.

Quanto ao tipo de EN:

EN1 corresponde a uma Ruptura de Plano de Agente² (BEA, a narradora, é personagem central no narrado) e é construído em torno de um conflito de posições e respectiva dramatização. É identificável a seguinte estrutura narrativa: Ataque – Orientação Geral – Acção (gatilho: dramatização com recurso ao Discurso Directo) – Orientação de Background/Avaliação – Acção (clímax: dramatização com recurso a Discurso Directo) – Avaliação Final/Coda.

EN2 corresponde também a uma Ruptura de Plano de Agente e é construído em torno de um conflito de posições e respectiva dramatização. É identificável a seguinte estrutura narrativa: Orientação Geral – Acção (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação de Background – Orientação Local – Acção 2 (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação local – Resultado1 – Resultado 2.

EN3 corresponde, como os anteriores, a uma Ruptura de Plano de Agente e corresponde a uma sequência de acções com confronto. É identificável a seguinte estrutura narrativa: Ataque (tese) – Orientação de Background – Orientação Geral – Acção – Resultado (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação de Background – Avaliação – Coda – retoma do EN/Resultado – Avaliação Final.

Por uma questão de espaço, analisar-se-ão apenas os Segmentos Tópicos que englobam o primeiro e o segundo EN. A opção pelo segundo decorre do seu estatuto ‘marginal’ no *corpus* analisado: EN2 é, num conjunto de 123 ENs, o segundo exemplo com uma função de catarse na interacção e, como tal, surge menos integrado no fluxo conversacional, constituindo, por si, um Segmento Tópico ‘suspensão’ entre dois Quadros Tópicos principais.

2.3. A transcrição da interacção com marcação de Tópicos e Subtópicos até à introdução do EN1

A transcrição obedece aos critérios definidos pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa para a constituição do seu Corpus de Português Falado. Apenas o símbolo de sujeito nulo foi acrescentado para facilitar a leitura de cadeias anafóricas no texto. Por uma questão de espaço, foram omitidas as informações referentes a realizações orais específicas. Há ainda que considerar as seguintes convenções de transcrição: < hhh >, que corresponde a riso e < XXX >, que corresponde a segmentos fonéticos não perceptíveis.

² Ao definir uma tipologia semântica dos enunciados narrativos a partir do conceito de plano de acção, Quasthoff (1980:60 e 61) refere 3 tipos de Ruptura de Plano que correspondem a 3 tipos de ENs: Ruptura do Plano de Agente, Ruptura do Plano de Observador e Ruptura do Plano do Outro Generalizado. No presente caso estamos perante uma Ruptura de Plano de Agente, pois nele um interveniente num dado acontecimento é confrontado com uma intervenção exterior que põe em causa o seu plano de acção. Nestes ENs o futuro narrador intervém na história, sendo-lhe atribuído um papel (re)activo em relação a uma intervenção que põe em causa (em termos de ameaça ou de destruição) o seu plano.

Tópico 1	<i>dor no braço</i>	1	BEA e vou passar conforme posso //
		2	isto dá cabo aqui do braço todo //
Subt.1.1	<i>origem da dor</i>	3	trabalhava ali na: / senhora //
		4	e depois lavavam assim a roupa que parecia que ela saía sei lá como //
		5	ISA < ali naquela ao lado >?
		6	BEA [<] < &naque > / na espanhola //
		7	e depois: / ficava este braço [/] olhe / tenho aqui uma dor no braço //
		8	foi disso / com certeza //
		9	ISA < esse > /
		10	BEA / [<] < de fazer força > / assim / de fazer < força no ferro / XXX > /
Subt.1.2	<i>o ferro</i>	11	ISA [<] < esse ferro é como o meu > //
		12	Ø não é muito pesado //
		13	BEA pois não //
		14	por ele ser leve é que / tem que a gente fazer mais força //
		15	dei cabo do braço //
Tópico 2	<i>a tábua</i>	16	ISA e as tábuas [/] <u>essa</u> tábua está muito alta // não te está?
		17	BEA ai Ø está //
		18	ah / Ø está / está //
		19	ah / não estava a ver isso //
		20	é a menina Angélica que é muito alta //
		21	< deixou- <u>ma</u> assim //
		22	então > +
		23	ISA [<] < hhh >
		24	BEA ai <u>jesus</u> //
Tópico 3	<i>a roupa</i>	25	ISA lá em casa / quem é que trata da roupa / és tu / também?
		26	BEA Ø do meu marido //
		27	ISA não //
		28	da roupa da tua casa //
		29	BEA Ø da minha casa / sou eu //
Tópico 4	<i>o trabalho de casa</i>	30	ISA então / e mulher / quando é que tens tempo para estar aqui a trabalhar / e depois < XXX >
		31	BEA < pois / é isso > //
Subt.4.1	<i>o trabalho para a sogra</i>	32	e a <u>minha sogra</u> ainda quer que eu vá fazer as <u>coisas dela</u> //
		33	eu não estou lá em casa //

Tópico 5	<i>os ciúmes da sogra</i>	34	ela / sei lá [/] eu +
		35	Ø tem muitos ciúmes //
		36	ISA Ø tem ciúmes?
		37	BEA ai está [/] está um inferno //
Subt.5.1	<i>conflito ao fim-de-semana</i>	38	quando se chega ao domingo / e o / e o sábado / para mim / não havia de existir //
		39	Ø não gosta que a gente saia //
		40	Ø fica sempre furiosa //
		41	ISA então / vocês não deviam estar em casa //
		42	trabalham toda a semana / e agora ainda < iam xxx > /
		43	BEA [<] <pois / XXX / Ø entende que há-de ser assim //
		44	Ø queria lá os filhos ao pé //
		45	não pode ser //
		46	ISA então / já lá vive aquele com ela //
		47	já é uma grande coisa //
Tópico 6	<i>descontentamento da sogra</i>	48	BEA pois / mas mesmo assim //
	EN ATAQUE	49	Ø nunca está contente //
Subt. 6.1	ORIENTAÇÃO	50	Ø está sempre [/] no / no sábado [/] na sexta-feira / andei eu aqui / cansadinha de trabalhar //
	ACÇÃO1	51	e: / eu trouxe as [/] além / a minha roupa /
	ORIENTAÇÃO background		que anteriormente / estava-me húmida / para / para a secar aqui melhor //
	ACÇÃO2 gatilho	52	e diz-me ela assim //
		53	ah / você traz fêria / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada //
	climax	54	e eu digo //
		55	sim senhora / quem me dera estar em casa //
	AVALIAÇÃO FINAL /CODA	56	então não é?
		57	quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas //

	58	XXX //
Tópico 7	59	ISA e ela não ajuda nada / lá em casa?
	60	BEA Ø faz / faz o serviço dela //
Tópico 8	61	então eu não sujo nada //
	62	Ø sujo / Ø limpo / não é? [...]

2.4. Análise da Progressão Tópica até EN1

2.4.1. Segmento Tópico 1

Tópico 1: dor no braço

No seguimento do desenvolvimento do Supertópico [ST] Passar a ferro, BEA realiza um movimento de tópico ao fazer deslizar o foco da conversação para um novo aspecto do ST: Passar a ferro provoca dores.

O novo Tópico, assim introduzido, activa um conjunto semanticamente coeso de objectos de discurso pertencendo a um mesmo domínio conceptual – *braço, roupa, ferro, tábua* – e passível de constituir cadeias anafóricas quando o lexema é introduzido como elemento focal, como no caso de *ferro*: surgindo pela primeira vez com sentido genérico, em posição remática, numa repetição – (enunciado 10) *de fazer força / assim / de fazer < força no ferro /... – o lexema é retomado como tema, agora com um referente preciso, pela interlocutora em – (11) < esse ferro é como o meu > – e como anáfora zero em – (12) Ø não é muito pesado // –*. No turno seguinte o mesmo referente é retomado pelo pronome anafórico – *ele* – novamente em posição temática – (14) *por ele ser leve ... – agora na voz de BEA*.

Mas as relações de interdependência que ‘tecem’ o Segmento Tópico ocorrem também ao nível dos enunciados. Entre eles estabelecem-se conexões argumentativas: – (8) *foi disso / com certeza // –*; – (10) *de fazer força / assim / de fazer força no ferro – e contra-argumentativas (13) – pois não // –*; (14) *por ele ser leve é que / tem que a gente fazer mais força // –*.

Há ainda que realçar a repetição de proposições focais, quer em posição de abertura e fecho do segmento tópico – (2) *isto dá cabo aqui do braço todo – versus – (15) dei cabo do braço –*, quer na organização da própria argumentação, como no caso da Seriação: – (8) *foi disso – (10) Ø de fazer força – (10) Ø de fazer força no ferro / – em que ocorre a elisão do elemento introdutor, neste caso o verbo da matriz*.

Por último, destacam-se as estratégias de focalização que dão proeminência ao tópico do segmento textual em – (7) *olhe / tenho aqui uma dor no braço // foi disso / com certeza // – e à contra-argumentação – (14) por ele ser leve é que / tem que a gente fazer mais força // –*. No primeiro caso, enquanto o marcador conversacional topográfico inicial – *olhe* – pelo seu valor semântico, focaliza a atenção do interlocutor para o enunciado que se segue, a expressão de modalização epistémica com valor asseverativo – *com*

certeza – refocaliza a relação de causalidade estabelecida entre a dor e o trabalho em passar a roupa. No segundo, temos uma construção clivada com a partícula modal – *é que* – que destaca a frase infinitiva causal à esquerda – *por ele ser leve* – e que funciona como uma estratégia de relevo por um processo de rematização³.

Todas as estratégias acima referidas contribuem para a singularização do segmento textual em análise, construído em torno de um mesmo tópico.

2.4.2. Segmento Tópico II

Tópico 2: a tábua de passar a ferro

O segundo Segmento Tópico surge ainda dentro do mesmo espaço conceptual, a partir da referência à tábua de passar a ferro que está a ser utilizada. Neste caso, para além da concentração no mesmo objecto de discurso⁴, e da respectiva cadeia anafórica daí resultante, a unidade do segmento decorre também da ancoragem explícita dos enunciados na situação de enunciação através dos deícticos – (16) *essa* – (16) *te* – e – (21) *ma*. O tópico – a tábua utilizada – esgota-se rapidamente, e é fechado através do marcador conversacional topográfico final – (22) *então* – com entoação descendente, seguido de uma pausa não preenchida, cujo silêncio promove o apagamento do foco de conversação e a instauração de um novo tópico. O riso e a expressão interjectiva – (24) *ai Jesus* – são meras estratégias de preenchimento do silêncio gerado.

2.4.3. Segmentos Tópicos III e IV

Tópico 3: a roupa; Tópico 4: o trabalho de casa

Os segmentos tópicos seguintes são organizados em sequências de pergunta-resposta, funcionando as perguntas como introdutoras de tópico. No primeiro caso, ocorre a introdução de um tópico novo – a roupa – através de um pedido de informação – (25) *lá em casa / quem trata da roupa da casa* –. De realçar que a cadeia de referência que daí resulta não é correferencial,

³ Adoptou-se aqui a perspectiva de Franco (1991) que considera – *é que* – uma partícula modal com um efeito rematizador. Também Koch (2003 [1997]:115-117) atribui à mesma construção a função de antepor um elemento remático, delimitando-o do resto do enunciado pela criação de uma oração clivada. Segundo a mesma autora, esta anteposição do rema ao tema, antecipando aquilo que constitui a meta da comunicação do locutor, constitui uma expressão de alto envolvimento do mesmo no enunciado.

⁴ Na linha de Mondada (2001:9) considera-se objectos de discurso “entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objectos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da enunciação. Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objectos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva.”

isto é, as realizações de anáfora zero não remetem ao mesmo referente⁵, mas, no entanto, remetem ao mesmo tópico, procedendo à sua explicitação. No segundo caso, o tópico – o trabalho de casa – é lançado através de um pedido de esclarecimento em relação ao conteúdo do enunciado anterior – (30) *então / e mulher / quando é que tens tempo para estar aqui a trabalhar / e depois < XXX >*.

2.4.4. Segmento Tópico V

Tópico 5: os ciúmes da sogra

A introdução um novo objecto de discurso em IV – a sogra –, vai dar origem à criação de um novo Supertópico (ST) na conversação. Na terminologia proposta por Jubran (2006:104) estamos perante um caso de expansão tópica, na medida em que, como se procurará demonstrar de seguida, se dá o desenvolvimento pleno de dados colocados de passagem anteriormente na conversação, sem que, nesse momento anterior, tenham constituído um Segmento Tópico⁶. No presente caso, esta expansão tópica vem fundar um novo Quadro Tópico em torno do Super Tópico – a sogra.

O pedido de esclarecimento da interlocutora – (36) *tem ciúmes?* – ao comentário – (35) *tem muitos ciúmes* – é interpretado por BEA como uma aceitação do novo tópico conversacional – os ciúmes da sogra. O Segmento Tópico que daí resulta é constituído por um Enunciado Argumentativo com valor exemplificativo, organizado a partir do tema – a sogra –, coesivamente estruturado sobre uma sequência de anáforas zero: (39) *Ø não gosta que a gente saia // –*; – (40) *Ø fica sempre furiosa // –*.

Há ainda que realçar o carácter fortemente subjectivo da referida explicação, evidente no recurso a expressões avaliativas hiperbólicas de sentido idêntico: (37) *está um inferno // –*; – (38) *não havia de existir // –*.

O comentário da interlocutora, por seu lado, revela uma forte empatia com a posição de BEA, assumindo nele a perspectiva das “vítimas” do ciúme. Ao contrário dos enunciados de BEA, os seus têm como tema o pronome sujeito – *vocês*: – (41) *então / vocês não deviam estar em casa // –*; – (42) *Ø trabalham toda a semana / e agora ainda < Ø iam xxx > / –*. Esta adesão leva BEA a precisar as suas queixas, prosseguindo a cadeia anafórica que havia iniciado anteriormente e que tinha por referente a sogra: – (43) *Ø entende que há-de ser assim // –*; – (44) *Ø queria lá os filhos ao pé //*.

⁵ Na linha de Marcuschi & Koch (2006:391 e 392) considera-se aqui uma noção de anáfora abrangente, enquanto processo de remissão de um elemento linguístico (anafórico) a um outro (fonte) que pode não estar explícito lexicalmente, sendo então inferido pelo contexto. Admite-se, então, “que a anáfora é uma estratégia de textualização que não supõe continuidade linear de referentes (idênticos)”, como no caso em análise.

⁶ Segundo a mesma autora: “Trata-se de dados que são mencionados no interior de um segmento tópico por estarem no horizonte temático da interação verbal e que vão passar para primeiro plano em pontos posteriores do desenrolar da conversa, quando então se configuram como tópicos.” (Jubran, 2006:105)

Quer a expressão – (43) *ser assim* –, quer o juízo de valor final – (45) *não pode ser* –, realizado através de uma expressão fixa de modalização deontica impessoal, têm um valor conclusivo e indiciam a vontade de encerramento do Segmento Tópico.

Antes de prosseguir a análise da interação, há que realçar as estratégias que asseguram uma coesão sequencial argumentativa do segmento que se encerra, na medida em que contribuem fortemente para a sua concentração temática e delimitação.

- a) articulação linear tema / rema segundo um esquema A-B; B-C; – C-D:
 BEA: ela / [TEMA – A] sei lá ... eu + tem muitos ciúmes // – [REMA – B]
 ISA: *tem ciúmes?* – [TEMA – B: aceitação do tema]
 BEA: ai está [/] está um inferno // quando se chega ao domingo / e o / e o sábado / para mim / não havia de existir // não gosta que a gente saia // fica sempre furiosa // – [REMA – C]
 ISA: então / vocês não deviam estar em casa // [TEMA – C- paráfrase] trabalham toda a semana / e agora ainda < iam xxx >/ – [REMA – D]
- b) eco e complementaridade das informações e avaliações verbalizadas por ambas as partes;
- c) densidade de estratégias avaliativas no texto:
 (i) construções superlativas: – (35) *tem muitos ciúmes* // –; (ii) generalizações com advérbios de frequência: (40) *fica sempre furiosa* // –; (iii) construções hiperbólicas: – (37) *está um inferno* // –; – (38) *não havia de existir* // –; (iv) fraseologias avaliativas finais com valor resumitivo: – (45) *não pode ser* // –; – (47) *já é uma grande coisa* //.

2.4.5. Segmento Tópico VI

Tópico 6: o descontentamento da sogra

O comentário da interlocutora ao último enunciado de BEA – (46) *então / já lá vive aquele com ela* // (47) *já é uma grande coisa* // – vem confirmar o desvio da focalização da atenção dos interlocutores do trabalho de BEA (o que corresponde ao abandono do Supertópico anterior) para a sogra (novo Supertópico).

Desta forma, BEA encontra-se à vontade para lançar um novo tópico – o descontentamento da sogra – através dos enunciados argumentativos – (48) *pois / mas mesmo assim* // –; – (49) *nunca está contente* // –; – (50) *está sempre* / – que correspondem ao Ataque do EN, funcionando como um Resumo avaliativo⁷ do mesmo.

⁷ Ao procurar caracterizar as actividades preparatórias de introdução de um EN na conversação, considerou-se o Resumo como uma das estratégias a que o narrador recorre para captar a atenção e interesse do interlocutor para o que vai ser narrado. Em toda a bibliografia sobre narrativas conversacionais, baseada no trabalho pioneiro de Labov (1972) e na terminologia aí proposta, Resumo é o nome dado à macroproposição que faz a passagem entre a Situação de Enunciação em que ocorre o EN e aquela que ele, temporariamente, “cria”. Aqui, esta macroproposição é denominada Ataque, para a distinguir da estratégia discursiva Resumo.

Os localizadores temporais – (50) *no / no sábado [/] na sexta-feira* – abrem o núcleo narrativo, fundando o tempo da diegese, e instauram uma nova situação enunciativa diferente daquela em que os interlocutores se encontram. Em termos formais – *no / no sábado [/] na sexta-feira* – correspondem à Orientação Geral do EN, fazendo a ancoragem temporal dos verbos das proposições seguintes e, conseqüentemente, indexando a si os blocos de texto por elas constituídos:

Bloco 1: (50) *andej* eu aqui / cansadinha de trabalhar // (51) *e*: / eu *trouxe* as [/] além / a minha roupa / que anteriormente / *estava-me* húmida / para / para a secar aqui melhor //

Bloco 2: (52) e *diz-me* ela assim // (53) ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada // (54) e eu digo // (55) sim senhora / quem me dera estar em casa //

O primeiro bloco, que faz a transição entre a Situação Inicial e a Acção, é composto por duas proposições coordenadas pelo sequenciador “e”, ambas com o predicado no pretérito perfeito, sendo que a primeira introduz a Acção, e a segunda fá-la avançar. Esta última funciona, também, como subordinante de uma frase relativa e de uma infinitiva, que, no seu conjunto, constituem uma interrupção no fluxo narrativo, introduzindo informação de “background” considerada pela narradora relevante para a compreensão do ocorrido⁸.

O segundo bloco é composto por dois enunciados em Discurso Directo precedidos por frases introdutórias canónicas iniciadas pelo mesmo sequenciador copulativo, e tendo o mesmo verbo *dicendi* no presente – (52) e *diz-me* ela assim – (54) e eu *digo* – aqui como forma de actualização da cena narrada⁹.

Os segmentos em Discurso Directo correspondem, respectivamente, ao Gatilho – a acção verbal que provoca o confronto – e ao Clímax da Acção. A Pergunta-tag seguinte – (56) *então não é?* – refocaliza o enunciado anterior e funciona como um apelo à interlocutora para, no quadro de um contrato comunicacional estabelecido com a sua aceitação do EN, ratificar o narrado e, assim, concordar com a sua pertinência para a conversação¹⁰. Pelo seu

⁸ Estes segmentos discursivos que interrompem a sequência narrativa, e através dos quais o narrador introduz informação “suplementar” que considera pertinente para uma leitura conforme à intenção do narrado, correspondem a um tipo específico de Orientação denominada por Norrick (2000) Orientação de Background.

⁹ Através do uso do que poderíamos chamar um “presente cénico” há como que uma “presentificação” do ocorrido. O interlocutor, constituído em narratário, é convidado a assistir à reprodução da cena de conflito ocorrida entre as personagens que participaram nos eventos narrados.

¹⁰ Em Moraes (2005) procurámos identificar o protocolo que subjaz ao contrato comunicacional narrativo, tendo presente que a inserção de um EN na conversação altera, ainda que temporariamente, os papéis dos interlocutores, redistribuindo assimetricamente o tempo e o espaço enunciativos. Esse protocolo, entretanto revisto, é, nas suas versões mais exaustivas, composto por 6 movimentos: 1. Anúncio do EN; 2. Justificação do EN; 3. Negociação do Acordo; 4. Aceitação do EN; 5. Início do EN; 6. Ratificação do EN. Enquanto os primei-

carácter avaliativo, e por trazer a conversação de volta à situação de enunciação anterior, abrindo, desta forma, a Coda da narrativa, a pergunta-tag permite interpretar a repetição do enunciado do Climax – (57) *quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas // XXX //* –, como sendo agora dirigido à interlocutora. Esta repetição, por seu turno, corresponde a uma estratégia de encerramento do EN, confirmada pela entoação descendente, que torna inaudíveis as palavras finais de BEA.

A pergunta seguinte da interlocutora – (59) *e ela não ajuda nada / lá em casa?* – introduz um novo tópico – a ajuda da sogra – que resultará num novo segmento tópico fortemente argumentativo

O quadro seguinte (Quadro 3) sistematiza a progressão tópica analisada até ao momento, procurando integrar o surgimento do primeiro EN na sua lógica de desenvolvimento.

QUADRO TÓPICO 1	QUADRO TÓPICO 2
Supertópico: Passar a ferro	Supertópico: A sogra
Segmento Tópico 1 Tópico 1: <i>dor no braço</i> Subtópico 1.1: <i>origem da dor</i> Subtópico 1.2: <i>o ferro</i>	Segmento Tópico 5 Tópico 5: os ciúmes da sogra Subtópico: <i>ao fim-de-semana</i>
Segmento Tópico 2 Tópico 2: <i>a tábua</i>	Segmento Tópico 6 Tópico 6: descontentamento da sogra Subtópico 6.1: <i>EN1</i>
Segmento Tópico 3 Tópico 3: <i>a roupa</i>	Segmento Tópico 7 Tópico 7: ajudar a sogra Subtópico 7.1: o trabalho em casa da sogra
Segmento Tópico 4 Tópico 4: o trabalho de casa Subtópico 4.1: <i>trabalhar para a sogra</i>	...

Quadro 3: Progressão Tópica

Como foi afirmado anteriormente, o desenvolvimento pleno de um dado colocado de passagem na conversação, a referência à sogra no Tópico 4 – o trabalho de casa – vai dar origem a um novo Supertópico que fornecerá a “moldura semântica” e interpretativa para o seguimento da conversação e conduzirá ao surgimento do primeiro e do segundo EN da interacção. No caso específico de EN1, a sua leitura só é realizável dentro do novo Quadro Tópico em que surge e vinculado ao Tópico que procura ilustrar: o descontentamento (constante) da sogra. Dito de outra forma, o EN ‘nasce’ da von-

ros 4 movimentos são realizados na macroproposição Ataque, o último pode surgir quer no corpo da narrativa, quer na macroproposição de encerramento (Coda).

tade de ilustrar uma asserção valorativa negativa sobre a sogra após a sua instauração como novo Supertópico da conversação. Desta forma, a sua leitura tem que ser realizada no quadro de uma argumentação pejorativa que estava a ser desenvolvida anteriormente e enquanto contributo para a mesma.

Em termos formais, o EN cumpre as características identificadas na totalidade do *corpus* de 123 ENs para este tipo de texto:

i) Respeita uma organização canónica na sequência das macroproposições: Ataque – Orientação Geral – Acção – Orientação de Background/Avaliação – Acção (clímax: dramatização com recurso a Discurso Directo) – Avaliação Final/Coda;

ii) Dá relevo às acções-chave, gatilho e clímax, através do Discurso Directo e do recurso ao presente cénico;

iii) Recorre à dramatização para “presentificar” o ocorrido, convidando o interlocutor a tornar-se testemunha do ocorrido;

Além disso, em termos conversacionais, o EN apresenta marcas do Contrato Comunicacional Narrativo estabelecido entre os interlocutores para a introdução do EN, marcas também identificadas noutros ENs. Neste caso, destaca-se um movimento de cariz apelativo no Ataque, que corresponde a um Resumo avaliativo, e um movimento de pedido de ratificação do narrado na Coda.

2.4.6. Segmento Tópico X

Passamos agora para o segundo EN introduzido por BEA na interacção. Ainda dentro do Supertópico – a sogra – BEA vai dar continuidade às suas queixas, retomando, a dada altura, o tópico 5 – os ciúmes da sogra – e introduzindo, nessa altura, o subtópico – a relação da sogra com o filho. No decurso da conversação surge, então, um novo EN que, embora correlacionado com o dito anteriormente através da manutenção de um objecto de discurso recém-introduzido – o seu marido –, desvia a atenção da interlocutora dos conflitos com a sogra para os conflitos com o marido.

Tópico 5° (retoma)	<i>ciúmes da sogra</i>	85	BEA [<i><</i>] <i>< mas ></i> / <u>eu nunca vi uma pessoa assim ciumenta //</u>
		86	veja bem //
		87	digo à senhora / senhor ou senhora / <u>nunca vi uma pessoa assim //</u>
Subt.5°.1.	<i>relação sogra – filho</i>	88	com &fi [/] se tivesse só aquele / está bem //
			%par: <i>está</i> → ‘ <i>tá</i>
		89	mas com mais filhos / e aquele / é que é sempre a vítima //
		90	coitado //

Retoma do tópico 5 – os ciúmes da sogra

Em (85) BEA inicia um novo Segmento Tópico com o marcador conversacional interactivo – (85) *mas* –, aqui também com função topográfica uma vez que marca o início de um enunciado fortemente avaliativo que retoma o tópico 5: *os ciúmes da sogra*, – (85) *eu nunca vi uma pessoa assim ciumenta* // –. De destacar o valor hiperbólico do adverbial de negação – *nunca* – e o valor focalizador do advérbio – *assim* – que incide sobre o adjectivo, constituindo o enunciado em causa o novo foco da conversação. A expressão interactiva de focalização semântica que se segue – (86) *veja bem* – abre um parêntesis¹¹ centrado no processo de enunciação, uma vez que está voltado para o interlocutor e apela para a sua atenção. Esta interpelação é continuada com a expressão – (eu) digo a X (que) – em: (87) *digo à senhora / senhor ou senhora* / –, que introduz, focalizando-a, a repetição do enunciado que abriu o Segmento Tópico – (87) *nunca vi uma pessoa assim* // –.

Os enunciados seguintes constituem um subtópico centrado na relação da sogra com o filho. – (88) [/] *se tivesse só aquele / está bem* // –; – (89) *mas com mais filhos* / –. Aqui, BEA recorre a uma combinatória de estratégias argumentativas com uma construção condicional contrafactiva a funcionar como primeiro elemento de uma segunda relação adversativa introduzida por – *mas*. Os enunciados finais – (89) ... *e aquele / é que é sempre a vítima* // (90) *coitado* // – retomam o referente, o marido, através da repetição do anafórico – *aquele* – que surge focalizado em clivagem com a partícula modal – *é que* –. Este destaque é ratificado pelo advérbio de frequência – *sempre* – antecedendo o nome de qualidade – *a vítima*. A avaliação final, realizada pela interjeição de compaixão – *coitado* –, constitui um enunciado próprio com função de encerramento de tópico¹².

A esta sequência fortemente argumentativa segue-se um novo EN que, aparentemente, introduz uma ruptura tópica na conversação.

¹¹ Jubran (2006:302 e seg.) considera o parêntesis uma modalidade da inserção com efectividade meramente local, isto é, sem capacidade de lançar ou constituir um novo tópico discursivo, provocando uma mera suspensão do tópico no segmento em que se encaixa. No presente caso estamos então perante um desvio momentâneo do tópico para os agentes instanciadores da interacção verbal.

¹² O uso de – *coitado* – no presente caso pode ser analisado no quadro dos marcadores conversacionais modais. Segundo Vilela (1999:270) as interjeições correspondem à intervenção do componente expressivo no discurso, sendo que, através delas, o falante realça, reforça e intensifica de forma global o enunciado ou um dos fragmentos do enunciado. Aqui, – *coitado* –, pela relação semântica estabelecida com o nome de qualidade – *vítima* –, exprime, intensificando-o, o valor ilocutório do enunciado anterior. Quanto à constituição de um enunciado pela interjeição, é possível considerar o uso de *coitado* como construção adjectival do tipo – Espantoso! – a incluir nas frases exclamativas parciais elípticas.

2.4.7. Segmento Tópico XI

Tópico 10	<i>EN</i>	91	BEA ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //
	ORIENTAÇÃO <i>Geral</i>		
	ACÇÃO <i>gatilho: DD</i>	92	disse assim / olha / vou-me embora / vou para a minha irmã //
	ORIENTAÇÃO <i>local</i>	93	hhh / ele já estava XXX //
	ACÇÃO: <i>DD</i>	94	vou-me embora / para a minha irmã / e / e # / para o pé da minha mãe //
	ORIENTAÇÃO <i>background</i>	95	a minha mãe está cá agora //
	ACÇÃO: <i>DD</i>	96	hhh / depois vai-me lá buscar //
		97	que eu agora vou apanhar a roupa //
		98	e vou-me embora //
	ORIENTAÇÃO <i>local / ACÇÃO</i>	99	sentou-se na cama xxx //
		100	sentou-se na cama e: / e diz-me assim //
	ACÇÃO: <i>DD</i>	101	então / não vais apanhar a roupa?
		102	já lá vou //
	ORIENTAÇÃO <i>local</i>	103	estava a chorar //
	RESULTADO1	104	e depois: / lá / lá chegou foi-se embora / para a igreja com o miúdo //
	ORIENTAÇÃO <i>local</i>	105	e foi-se vestir / eu já estava vestida //
	RESULTADO2	106	e agora / fujo para a Amadora //
		107	disse eu //

Tópico 10: Conflito com marido / EN2

O Segmento Tópico XI, corresponde ao segundo EN introduzido na interacção por BEA, e constitui, a vários níveis, um caso excepcional no *corpus* analisado.

Em primeiro lugar, a transição para o EN ocorre sem qualquer actividade comunicativa preparatória, isto é, o locutor não realiza a macroproposição

Ataque, iniciando logo a narrativa com a Orientação, mais precisamente com informação referente ao tempo e à situação inicial – (91) *ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //* –. Ainda que interpretável como uma localização deíctica, vinculada ao momento de enunciação, o advérbio – *ontem* – permite construir um mundo de discurso distinto da situação de enunciação actual, ancorando temporalmente não só as formas do pretérito perfeito, mas também formas do imperfeito e do presente cénico utilizadas no EN.

O enunciado seguinte, no Discurso Directo, funciona como gatilho da Acção – (92) *disse assim / olha / vou-me embora / vou para a minha irmã //* –, e é seguido de um parêntesis de Orientação Local, iniciado por riso, que introduz informação sobre o outro personagem – (93) *hhh / ele já estava XXX //* –.

A Acção prossegue com uma repetição do Discurso Directo anterior, a que é acrescentada informação nova – (94) *vou-me embora / para a minha irmã / e / e # / para o pé da minha mãe //* –, informação essa que leva BEA a abrir um segundo parêntesis com informação de background¹³ que considera relevante para a compreensão do ocorrido – (95) *a minha mãe está cá agora //* –. O retorno à Acção dá-se com a continuação do enunciado em Discurso Directo que termina com a repetição da proposição inicial – (98) *e vou-me embora* –.

A Acção continua com o enunciado – (99) *sentou-se na cama xxx //* –, logo repetido – (100) *sentou-se na cama e: / e diz-me assim //* –, que tem por tema a personagem do marido, dando-lhe o primeiro turno no confronto pergunta-resposta que corresponde ao clímax: – (101) *então / não vais apanhar a roupa?* – (102) *já lá vou //* –.

Segue-se um dos enunciados mais emotivos do EN – (103) *estava a chorar* – correspondendo, curiosamente, a uma Orientação Local que reintroduz o pano de fundo¹⁴ desenhado na Orientação Geral – (91) *ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //*.

A Acção é retomada com o sequenciador – *e depois* – no enunciado – (104) *e depois: / lá / lá chegou foi-se embora / para a igreja com o miúdo //* – mas é evidente uma indecisão quanto ao rumo a dar-lhe: após uma hesitação, a narradora parece ter-se decidido por um desfecho neutro centrado na reacção do marido, para, logo a seguir, voltar atrás no tempo – (105) *e foi-se vestir / eu já estava vestida //* – e se recolocar como tema.

¹³ Ao contrário da Orientação Geral e Local, que se realizam dentro do espaço diegético da narrativa, a Orientação de Background promove um retorno temporário à situação de enunciação, dirigindo-se directamente ao interlocutor e procurando colmatar possíveis lacunas informacionais consideradas pelo narrador como relevantes para o acompanhamento da narração.

¹⁴ Os enunciados que constituem a Orientação (geral, local ou de background) suspendem o desenrolar da narrativa para se debruçar sobre um ou vários dos objectos por ela introduzidos. Segundo Maingenu ([1986]2001: 74) estes segmentos de cariz descritivo, normalmente no imperfeito do indicativo, correspondem ao pano de fundo da narrativa e desdobram esse objecto no espaço a fim de analisar os seus componentes.

O EN termina com uma paráfrase do seu Discurso Directo inicial – (106) *e agora / fujo para a Amadora // (107) disse eu //* – encerrada pelo verbo dicendi com inversão do sujeito.

Como já foi afirmado, quer ao nível da organização intertópica, quer intratópica, este EN, enquanto Segmento Tópico, revela características peculiares. A primeira tem a ver com a continuidade de tópico: O EN surge após uma retoma de tópico (5') e sem qualquer actividade introdutória, como já foi notado. A segunda tem a ver com a sua organização interna. Neste caso, a coesão formal assenta em processos de Repetição e Paráfrase que ocupam os pontos-chave do texto: princípio, retoma e fim de enunciado em Discurso Directo na dramatização da Acção – (93) (94) (98) *vou-me embora*; princípio e fim do EN: (93) *disse assim / olha / vou-me embora /...* – versus – (106) *e agora / fujo para a Amadora // disse eu //* –. Por último, o núcleo da Narrativa corresponde à dramatização do confronto entre as personagens num esquema de Ameaça – (não) Reacção à Ameaça. Dada a indecisão do Resultado1, a narradora retoma a narrativa de uma forma hesitante e não programada (veja-se a Orientação Local em (105)) acabando por introduzir um segundo Resultado em Discurso Directo, que reforça, através da paráfrase final, a expressão da sua insatisfação.

É ainda necessário voltar a sublinhar que o presente EN é um dos únicos no *corpus* com uma função catártica, isto é, em que o objectivo principal da narração é utilizar a recriação encenada do ocorrido como forma de libertação de um estado emotivo. As indefinições e peculiaridades evidentes na própria economia narrativa apontam também nesse sentido. No entanto, há que ter presente que a sua realização parece resultar do desenvolvimento tópico da conversação, mais especificamente, da retoma do tópico – os ciúmes da sogra – e da reintrodução do objecto de discurso – o marido – no diálogo. O EN vem colmatar, assim, a aparente necessidade de BEA em revelar de que forma a situação conflituosa com a sogra (já objecto de uma narrativa) a afecta.

3. Conclusões

Para concluir, há que voltar à contraposição inicial entre géneros vinculados ao evento comunicativo e aqueles definidos a partir de um modo de enunciação, pois nela se reflectem os problemas encontrados no próprio processo de definição do nosso objecto de estudo e, subsequente, estabelecimento do *corpus* de análise.

Se a aplicação de um modelo enunciativo narrativo permite a identificação de sequências textuais com uma estrutura narrativa recorrente, o EN, enquanto Segmento Tópico ou parte dele, insere-se no fluxo conversacional em que surge, adquirindo um sentido e uma função pragmática específica no desenvolvimento dos tópicos discursivos que vão sendo introduzidos no diálogo.

Dito de outra forma, na constituição de um corpus de EN's produzidos em situação de interação oral, pode recorrer-se, numa primeira fase, a um modelo enunciativo narrativo como instrumento de base para a selecção de interacções onde são realizados EN's. Aparentemente, poder-se-ia concluir que, se se conseguisse criar um *corpus* de narrativas e, através da sua análise estrutural, estabelecer um conjunto de macroproposições recorrentes que caracterizariam esse tipo de enunciado na conversação, seria possível falar de um género usual na oralidade. Mas o tratamento isolado destes EN's, subtraídos artificialmente ao *continuum* da conversação, revela-se deficitário. A análise de uma Narrativa ou de um Relato (as duas formas de Enunciados Narrativos identificados no *corpus*) só é possível considerando o seu posicionamento num texto dialógico de nível superior, hierárquica e concentricamente organizado em unidades temáticas, a partir do qual adquirem sentido e relevância. É em relação ao dito anteriormente e em função das construções de sentido que daí terão resultado que é possível interpretar os ENs produzidos em situação de interação oral. O segundo exemplo é, cremos, uma prova evidente da necessidade de considerar o anteriormente dito para a construção da sua coerência.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1991). *Le Récit*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jubran, Clélia (2006). A perspectiva textual-interactiva. In Clélia Jubran & Ingedore Koch (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil, Construção do Texto Falado*. Campinas SP: Unicamp, pp. 27-38.
- Franco, António (1991). *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2003). Les genres de l'oral: types d'interactions et types d'activités. <http://icar.univ-lyon2.fr/>.
- Koch, Ingedore (2003 [1997]). *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto.
- Labov, William (1972). *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Maingueneau, Dominique ([1986] 2001). *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marcushi, Luiz Antônio & Ingedore Koch (2006). Referenciação. In Clélia Jubran & Ingedore Koch (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil, Construção do Texto Falado*. Campinas SP: Unicamp, pp. 381-401.
- Mondada, Lorenza (2001). Gestion du topic et organization de la conversation. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 41, pp. 7-22.
- Morais, Armindo (2005). Embora o que eu vá dizer talvez ofenda e provoque irritação seja em quem for mas paciência – A Violação do Protocolo do Contrato Comunicacional Narrativo. In Dulce Carvalho & Dionísio Vila Maior & Rui Teixeira (org.) *Desafiando Discursos*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Norrick, Neal (2000). *Conversational Narrative*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- Quasthoff, Uta (1980). *Erzählen in Gesprächen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Traverso, Veronique (2003). Les genres de l'oral: le cas de la conversation. <http://icar.univ-lyon2.fr/>.
- Vilela, Mário (1999 [1995]). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Watzlawick, Paul & J. Beavin & D. Jackson, (2000). *Menschliche Kommunikation*. Bern: Verlag Hans Huber.